

Histórico e bombástico

Show reuniu formação original do Black Sabbath e grandes nomes do metal na despedida de Ozzy Osbourne dos palcos

O último show de Ozzy Osbourne com o Black Sabbath, realizado no sábado passado no estádio do Aston Villa, em Birmingham (Inglaterra), marcou o fim de uma era no rock mundial. O evento “Back to the Beginning” celebrou a despedida do Príncipe das Trevas dos palcos, mas também representou um momento histórico para o metal, reunindo pela primeira vez desde 2005 a formação original da banda que criou o gênero: Ozzy Osbourne, Tony Iommi, Terence “Gezzer” Butler e Bill Ward.

A apresentação ganhou dimensões épicas com a participação de bandas que moldaram diferentes gerações do rock pesado. Metallica, Slayer, Alice in Chains, Guns N'

Roses, Smashing Pumpkins e Anthrax subiram ao palco para homenagear os criadores do heavy metal. Como observou a crítica do The New York Times, “a escalação do festival refletiu a natureza poliglota da comunidade do metal hoje, ilustrando uma espécie de árvore genealógica viva do gênero, com Black Sabbath como raiz”.

Aos 76 anos e enfrentando as limitações impostas pelo Parkinson, diagnosticado há cinco anos, Ozzy demonstrou que sua presença magnética permanece intacta. O cantor permaneceu sentado em um trono preto durante toda a apresentação, mas sua performance continuou impactante.

Durante “Mama, I’m Coming Home”, sua luta para manter a afinção revelou-se “ao mesmo tempo



Ross Halfin

Diagnosticado com Parkinson e cantando sentado, Ozzy esbanja carisma e emociona a plateia

dolorosa e comovente”, segundo o The Guardian, que descreveu o momento como se ele “parecia à beira das lágrimas”.

O setlist enxuto de quatro clássicos - “Iron Man”, “N.I.B.”, “War Pigs” e “Paranoid” - pode ter decepcionado alguns pela brevidade, mas cada música carregou o peso de décadas de história do rock. A performance de “Mr. Crowley” foi descrita pelo The Independent como “bombástica”, enquanto o encerramento com “Paranoid”,

acompanhado de fogos de artifício e um bolo para um Ozzy visivelmente emocionado, transformou o que poderia ser um funeral em uma celebração vibrante.

Limitações físicas de Ozzy à parte, a crítica internacional soube reconhecer a importância histórica do momento. A Rolling Stone britânica destacou que “a grande tragédia é que, muitas vezes, lendas como ele morrem antes que celebrações desse porte possam acontecer”, considerando “um grande mi-

lagre ou intervenção divina” o fato de Ozzy estar presente “para fazer sua última reverência diante da própria tribo”. O tom de despedida definitivo “acrescentou uma carga emocional devastadora” ao evento.

O The Guardian, embora tenha considerado o show menos épico devido ao setlist reduzido, não poupou elogios aos “inventores do metal”, chamando Ozzy de “uma força da natureza desnordeante”. Já o The Independent foi além, afirmando que “o Black Sabbath soa como se ainda estivesse no auge”, demonstrando que mesmo com as limitações físicas, a essência musical da banda permanece poderosa.

Legado transformador

O evento foi o reconhecimento de um legado que transformou a música popular. Como concluiu o The Independent, o show celebrou “a deliciosa escuridão que Osbourne e seu clã libertaram há mais de cinco décadas e do colosso em que ela se transformou”.

A despedida de Ozzy dos palcos marca a passagem do bastão para as novas gerações do metal, todas filhas da revolução sonora iniciada pelo Black Sabbath no final dos anos 1960.

CRÍTICA / DISCO / CLAREIRA

Por **Aquiles Rique Reis***

Hoje falaremos de “Clareira – Filpo e a Feira” (Camboa/Distrokid), terceiro álbum de Filpo Ribeiro e do grupo A Feira. Suas oito faixas têm arranjos e composições inspiradas em forró, coco, repertório das bandas de pífano, samba de roda, e tudo o mais ligado à cultura caipira e caiçara do Sudeste, como fandango caiçara, reisada, romaria do Divino e lundus do Norte mineiro. O trem é doido, bróder! Eis algumas faixas.

“Salve Marabô” (Filpo Ribeiro e Ceumar): a viola de Filpo ponteia; o ritmo, pelas mãos de Alisson Lima e Marcos Alma, encorpa o arranjo. Ceumar (grande cantora, há tempos eu não a ouvia) assume o canto. Logo Filpo se junta a ela e cantam em terças, embalados pelo

agogô. Palmas de mão marcam o ritmo. A dupla canta firme, enquanto a viola ponteia e a rabeca (Filpo) dedilha notas. Um coro reforça o canto de Filpo.

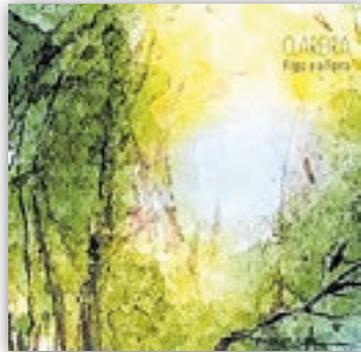
“Ybirá” (Filpo Ribeiro): Filpo canta arritmo, acompanhado apenas pela sua rabeca. Entram a zabumba de Lipe Torre e o violão de Filpo. Filpo se vale do pífano para solar. A rabeca retoma a cena. O duo (Lipe Torre e Marcos Alma) vocaliza sem letra.

“Cena de Cinema” (Filpo Ribeiro e Nilton Júnior): o violão de Filpo inicia com ele cantando o galope. O coro vem com ele e os seus pifanos. A viola caipira e a rabeca de Filpo capricham na pisada. A cantiga de amor se revela em belos versos.

“Nas Vage da Gameleira” (Filpo Ribeiro e Jaime Lira): o baião

Brasil na veia

Divulgação



resfolega na rabeca (Filpo) e no baixo (Marcos Alma). A pegada abandona a harmonia e segue só com a percussão. O coro triplo, Marcos Alma, Alisson Lima e Lipe Torres, permite que Filpo arrase na

cantoria.

“Clareira” (Filpo Ribeiro e Marcos Alma) dá título ao álbum e tem letra que sintetiza bem o espírito de todo o trabalho. Iniciado com viola caipira e guitarra de 12 cordas (Filpo), a cantiga cadenciada rola amparada pelas percussões (Marcos Alma, Alisson Lima e Lipe Torres) – destaque para as claves.

“Você Não Gosta de Mim” (Lipe Torre): o ritmo rola pela brasilidade de uma salsa. O couro come. O coro arrasa. Lipe Torres se desempenha no violão e na levada puxada pelas congas. Filpo Ribeiro brilha na viola dinâmica de dez cordas, nas rabecas e nos pifanos. O arranjo é suingado que só. Meu Deus!

Olha só, Filpo e A Feira nos apresentam um belo trabalho. Co-

nheço-os desde o primeiro álbum, Contos de Beira d’Água (2017), quando o comentei sob o título “Surpresa boa”. Desde então, já traziam o Brasil na veia. Ouvi-los importa. Acompanhá-los, também! Ouça o álbum em <https://acesse.one/Lap4k>

Ficha técnica

Produção musical e executiva: Filpo Ribeiro; gravação, edição e mixagem: Marcos Alma e Filpo Ribeiro; masterização: Marcos Alma (Estúdio Nheengatu); arte da capa: Adriana Nuso; distribuição: Distrokid. As rabecas usadas nas gravações foram confeccionadas pelos artesãos Seu Ernesto Dias Pariquera (Açú/SP), Nelson da Rabeca (Marechal Deodoro/SE) e Filpo Ribeiro.

*Vocalista do MPB4 e escritor